

HELENA: REPRESENTAÇÕES DA INFERIORIDADE FEMININA

Josimare Francisco dos Santos*

Resumo: Estudo das representações femininas baseadas no gênero e nas relações de poder baseadas na distinção entre sexos. Para tanto, analisaremos a personagem Helena do Vale, do romance machadiano Helena, enfocando o discurso de universalidade e os discursos que legitimam a inferioridade feminina no decorrer da obra. O estudo terá como fio condutor a submissão e obediência da protagonista da obra em tela, bem como seu comportamento passivo e aptidão para cuidar do lar. A pesquisa fundamentar-se-á em reflexões sobre a inferioridade feminina, gênero e relações de poder, como as de Hirata (2009), Perrot (2005), Woolf (1997), entre outros.

Palavras-chave: Representações femininas; gênero; relações de poder; inferioridade feminina.

Introdução

Na Idade Média, o papel da mulher era de total submissão. É nessa época também, que a Inquisição passou a perseguir as mulheres. Denominando algumas mulheres como *Bruxas*, a Igreja Católica comandou um massacre, executando milhares de mulheres em um único dia, supostamente em nome de Deus¹.

A inferioridade feminina está baseada no conceito de que a mulher é fraca, submissa, passiva; avessa ao homem, forte, viril, racional. Essa dicotomia nas relações do gênero é abordada por Berengère Marques-Pereira (2009), ao citar um dos resquícios da Revolução Francesa, de liberdade, igualdade e fraternidade como uma universalidade abstrata, pois inúmeros argumentos legitimam esse discurso inferiorizante.

Os próprios argumentos bíblicos foram usados para legitimar a inferioridade feminina. Vemos isso em 1 Pedro 3:7: "... atribuindo-lhes honra como a um vaso mais fraco, o feminino...". Percebemos então, que a mulher tem uma denominação inferior. Além disso, segundo a Igreja, a mulher, como filha e herdeira de Eva, era fonte do Pecado Original e um instrumento do Diabo.

* Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz; Departamento de Letras e Artes – DLA. Especializanda em História do Brasil; Mestranda em Letras: Linguagens e Representações – Universidade Estadual de Santa Cruz. E-mail: josinhacroche@gmail.com.

¹Dados extraídos do texto *Inquisição católica*, de Airton Evangelista da Costa. Disponível em: <http://solascriptura-tt.org/Seitas/Romanismo/InquisicaoCatolica-JFlavio.PCristiano.htm>

Por esses e vários outros discursos, podemos perceber que as representações da elite burguesa determinavam à mulher um padrão de comportamento considerado como adequado aos costumes sociais. Esse modelo comportamental deveria ser inculcado pela família, cujo papel era orientar e educar as jovens moças, determinando-lhes a maneira de vestir, falar e agir, bem como estar apta para o casamento e os cuidados com o lar.

De acordo com Michelle Perrot (2005:447), “toda mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro.” Apropriando-se desse pensamento, as mulheres eram consideradas como infantis, ou seja, em casa estariam sendo supervisionadas pelo pai, ao contrair o matrimônio, essa tutela passava para seu marido, legitimando a visão da mulher como segundo sexo, inferior.

Dessa maneira, as representações femininas são caracterizadas por cada época, mas ainda hoje percebemos traços implícitos que abarcam essa condição de inferioridade feminina. Este artigo tem o objetivo de estudar as representações femininas no romance *Helena*, de Machado de Assis, levando em conta as questões referentes ao gênero e às relações de poder.

Gênero e inferioridade

Percebemos, logo no início do romance *Helena*, que as representações femininas são baseadas na distinção entre os sexos. Para discorrer sobre isso, citaremos as personagens D. Úrsula e Helena do Vale. D. Úrsula era uma senhora solteira, de cinquenta e poucos anos, que lia incansavelmente o *Sain't Clair das Ilhas*. Já Helena, uma jovem de 16 anos, com ar angelical e olhar curioso, de acordo com o narrador, tinha a “expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa” (ASSIS, 2004:21).

A personagem D. Úrsula era irmã do conselheiro Vale, mas por ser mulher, não pode ler o testamento, pois o conselheiro já havia indicado como seus testamenteiros “Estácio, o Dr. Camargo e o padre Melchior” (ASSIS, 2004:15). Além disso, a voz do homem era sempre a que tinha valor. O próprio sobrinho da personagem D. Úrsula deixa isso claro quando diz que “a estrita justiça é a vontade de meu pai” (ASSIS, 2004:16).

Assim, vemos que essa distinção buscava controlar as práticas femininas, ditando-lhes padrões de comportamento e valores sociais que deveriam ser seguidos. Essa não aceitaria de

bom grado uma bastarda em sua casa, pois este fato estaria ferindo as regras de moral, mas teve que ceder porque seu sobrinho Estácio fez valer a vontade de seu pai.

Ao analisar a obra, percebemos mais um dos traços que caracterizavam as mulheres como infantilizadas e regidas pela emoção: “D. Úrsula, pachorrentamente sentada na poltrona de seu uso, (...) a ler um tomo do *Sain't Clair das Ilhas*, enternecida pela centésima vez... . (...) ... com ele se desafogou o coração de muita lágrima sobressalente”. (ASSIS, 2004:20; 23) Aqui, encontramos a personagem chorando com o destino das personagens da Ilha.

Mais adiante, encontramos Helena observando a biblioteca de seu suposto pai. Ali, a moça “pegou nele [o livro] e beijou a página aberta. Uma lágrima brotou-lhe dos olhos, quente com o calor de uma alma apaixonada e sensível; brotou, deslizou-se e foi cair no papel” (ASSIS, 2004:23, acréscimo nosso). Neste sentido, percebemos que ambas as personagens demonstram características atribuídas para o sexo feminino: externar seus sentimentos. Para Maria José Barbosa², discutindo sobre os parâmetros usados para definir masculinidade e virilidade³, “chorar era irremediavelmente infantil e feminino” e estava atrelado à idéia de ser um “desprezível sinal de fraqueza e vulnerabilidade, pois se qualifica como índice da incapacidade de se organizar interiormente.” (BARBOSA, 1998:325).

Por isso, provavelmente tenha surgido a máxima preconceituosa de que *homem que é homem não chora*. Além disso, o homem precisava mostrar-se impassível, rígido para mostrar que eram seres superiores. Demonstrar sua autoridade significava manter a ordem na família e na sociedade. Assim, as mulheres *reafirmam* essa idéia de o homem ser superior. A personagem Helena deixa isso claro quando pede que seu irmão Estácio a ensine a andar a cavalo:

A cavaleira brandira o chicotinho, e o animal saíra a trote largo pelo terreiro afora. Estácio, no primeiro momento, deu um passo e estendeu a Mao como para tomar a rédea ao animal; mas a segurança da moça logo lhe deixou der que ela não fazia ali os primeiros ensaios. (...)

- Não me dirá você, perguntou ele, por que motivo, sabendo montar, pedia-me ontem lições?

(...)

- Bastava pedir-me que a acompanhasse.

² University of Iowa.

³ O artigo intitula-se *Chorar, verbo transitivo* (1998) e foi inspirado no título do romance de Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo* (1927).

- Não bastava. Havia um meio de lhe dar mais gosto em sair comigo; era fingir que não sabia montar. A idéia momentânea de *sua superioridade* neste assunto era bastante para lhe inspirar uma dedicação decidida... (ASSIS, 2004:35-36, grifo nosso)

A personagem reafirma a idéia de superioridade masculina⁴, ou seja, ele como detentor do conhecimento e de múltiplas qualidades, tinha a obrigação de ensiná-la a montar. Como diz Michelle Perrot (2005), a valorização da família põe em oposição homens e mulheres por diferenciar os papéis sexuais dos mesmos: mulheres domésticas; homens políticos. (Cf. p. 458). Vale ressaltar que não estamos aqui levando em consideração a análise de Sidney Chalhoub (2003) sobre os estratagemas de sobrevivência utilizados pela personagem.

Desse modo, percebemos que a obra em tela traz mais uma situação dessa diferença de papéis, quando a personagem D. Úrsula fica doente:

Helena era naquela ocasião a enfermeira. (...) O que completava a pessoa de Helena, e ainda mais lhe mereceu o respeito de todos, é que, no meio das ocupações e preocupações daqueles dias, não fez padecer um só instante a disciplina da casa. Ela regeu a família e serviu a doente, com igual desvelo e benefício. A ordem das cousas não foi alterada nem esquecida fora da alcova de D. Úrsula; tudo caminhou do mesmo modo que antes, como se nada extraordinário se houvesse dado. Helena sabia dividir a atenção sem a dispersar. (ASSIS 2004:50-51)

Temos, neste fragmento, um modelo de educação feminina. Helena foi uma verdadeira dona de casa, cumprindo seu papel de sucessora de sua tia. A personagem trazia consigo características consideradas *indispensáveis* para uma moça de família: era sempre dócil, gentil, submissa, e bem educada para cuidar do lar e da família.

É bom lembrar que, por ser um ser considerado inferior, as mulheres não tinham voz ativa. Esta mulher passa a ser representada na obra quando Helena é questionada pelo padre Melchior se não queria casar-se. Temendo um *incesto*⁵, o padre providencia que a moça contraia matrimônio com Mendonça:

⁴ *Concebe-se*, então o homem racional, indomável, conhecedor, superior, e, por sua vez, *concebe-se* uma mulher adaptável, cumpridora de regras, dada à emoção, que necessita do controle masculino, por ser desprovida do *domínio da razão*.

⁵ Helena e Estácio ignoram a falsidade do laço de parentesco que os une.

No fim do almoço, Melchior dirigiu-se para a sala de visitas, com Helena. Mendonça acompanhou-os. A resolução do padre estava assentada de raiz; ele aceitava aquele casamento como um presente do céu. (...) o padre olhou silenciosamente para um e outro. Talvez hesitava falar, talvez buscava o melhor meio de dizer o que tinha no coração. Urgia romper o silêncio; fê-lo com solenidade:

- (...) Quando duas criaturas se merecem, é servir a deus emprestar a voz ao coração que não ousar falar. O senhor ama esta menina; leio-lhe nos olhos o sentimento que o arrasta para ela; são dignos um do outro. Se é a timidez que lhe fecha os lábios, eu sou a voz da verdade e do amor infinito; se outro motivo, serei juiz complacente para escutá-lo. (ASSIS, 2004:86)

Dessa maneira, vemos que o padre deixa claro que as personagens se *merecem* (não se amam) e que ele pode muito bem realizar essa união. Melchior, como homem de Deus, poderia decidir o futuro da moça, sem maiores prejuízos à família, paternalista permeada por valores morais e religiosos. É importante perceber, ainda, que esse casamento foi arranjado sem nenhuma preocupação em consultar Helena. Além do mais, o casamento lhe traria estabilidade social e moral, pois solteirice era visto como um desprestígio social.

Considerações finais

Percebe-se que o poder patriarcal abordado na obra analisada ainda é muito presente nas sociedades atuais. Algumas mulheres ainda reproduzem o discurso de ser o *Outro*, como a própria personagem o fez, quando se propôs acatar qualquer decisão que o padre Melchior e seu irmão Estácio tomassem, quer sobre sua vida quer sobre sua condição e posição na família.

Essa breve análise permite percebermos como as questões sobre a inferioridade feminina e as relações de poder ainda se fazem presentes na atualidade.

Muitos filósofos como Rousseau (1968), deixaram marcas na história que foram tidas como ideias verdadeiras e universais:

Mas eu ainda prefiro cem vezes mais uma jovem simples e grosseiramente educada, a uma jovem culta e enfatuada, que viesse estabelecer no lar um tribunal de literatura de que seria presidenta. Todas essas mulheres de grandes talentos só aos tolos impressionam. Toda jovem letrada permanecerá solteira a vida inteira, em só havendo homens sensatos na terra. (ROUSSEAU, 1968:490)

A mulher letrada é vista como tola e desprestigiada. A figura de rainha do lar corresponde a um conceito que imprime inferioridade e fraqueza à mulher. Sobre isso Virginia Woolf (1997) afirma que a mulher só pode conquistar seu espaço social quando matar esse “anjo do lar” através de atitudes correspondentes a seus anseios.

Apesar dos movimentos feministas e dos avanços femininos para com a opressão e discriminação em relação à mulher, esses discursos ainda são reafirmados em todo o mundo com a ideia de felicidade através do casamento e dos cuidados com a família.

Segundo Carola (2002), o conceito de gênero é atribuído às definições históricas ditadas pelas sociedades, sobre o feminino e o masculino, através das diferenças no modo de ser, pensar e fazer entre mulheres (relacionadas à emoção) e homens (relacionados à razão) como constituições culturais. Em outras palavras, não se nasce homem ou mulher, mas se torna homem ou mulher (Cf. BEAUVOIR, 1970:9). Por isso, o que predomina no conceito de gênero são os aspectos culturais e não os biológicos.

Por isso, entende-se hoje que não há diferença de sexo por si só, antes reivindica-se a *igualdade na diferença*. Não há mais a possibilidade de se manter a ideia de que existe um modelo masculino e um feminino universais. Por meio de discussões sobre a pluralidade, começam a existir diferentes modos de ser do masculino e do feminino. Busca-se cada vez mais o direito à igualdade e respeito à diferença. Talvez o futuro esteja mais próximo do que imaginamos.

Referências

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: fatos e mitos. 4ªed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970, p. 9.

CAROLA, C. R. **Dos subterrâneos da história**: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis, UFSC, 2002.

GALIZA, D. F. **O feminino através dos tempos**. Disponível in: <http://www.webartigos.com/articles/3781/1/Mulher-O-Feminino-Atraves-Dos-Tempos/pagina1.html>. Acesso em: 22/04/2010.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras**. 2ª ed. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1991.

PEREIRA, B. M. “Cidadania”. In: HIRATA, H. [et al.] (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da historia**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

ROUSSEAU, J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968, p. 490.

WOOLF, Virgínia. **Kew gardens**: O status intelectual da mulher; Um toque feminino na ficção; Profissões para mulheres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.36.